

O COTIDIANO FOLKCOMUNICACIONAL NO SERIADO "CARGA PESADA"

THE FOLKCOMMUNICATIONAL EVERYDAY LIFE IN THE SERIES "CARGA PESADA"

EL COTIDIANO FOLKCOMUNICACIONAL EN LA SERIE "CARGA PESADA"

Felipe Adam

■ Jornalista e doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

■ E-mail: felipeadam91@gmail.com

Ivan Bomfim

■ Professor do Departamento de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágios de pós-doutorado em Ciências da Comunicação (Unisinos) e Processos Jornalísticos (UEPG).

■ E-mail: ivanbp17@gmail.com



RESUMO

Este artigo visa avaliar os 64 episódios da segunda versão do seriado “Carga Pesada”, transmitido pela TV Globo de 2003 a 2007, baseada na teoria da folkcomunicação (Beltrão, 1980; 2004). O texto analisa como as temáticas sociais estão relacionadas com o cotidiano dos personagens Pedro e Bino. Além de assuntos do universo caminhoneiro, o artigo infere que as temáticas mais abordadas nas cinco temporadas do seriado são as que envolvem relacionamentos, dramas familiares e temas policiais. Histórias de superstição e crenças religiosas também comprovam que o seriado funciona como uma representação a respeito do contexto cultural brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: TELEVISÃO NO BRASIL; FOLKCOMUNICAÇÃO; CULTURA POPULAR; MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA.

ABSTRACT

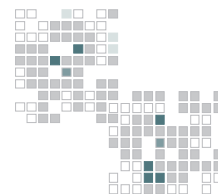
This article aims to evaluate the 64 episodes of the second version of the series “Carga Pesada”, broadcast by TV Globo from 2003 to 2007, based on the theory of folk communication (Beltrão, 1980; 2004). The text analyzes how social issues are related to the daily lives of the characters Pedro and Bino. In addition to issues from the truck driver universe, the article infers that the themes most discussed in the five seasons of the series are those involving relationships, family dramas and police issues. Stories of superstition and religious beliefs also prove that the series works as a representation of the Brazilian cultural context.

KEYWORDS: TELEVISION IN BRAZIL; FOLKCOMMUNICATION; POPULAR CULTURE; CONSERVATIVE MODERNIZATION.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo evaluar los 64 episodios de la segunda versión de la serie “Carga Pesada”, emitida por TV Globo de 2003 a 2007, con base en la teoría de la folkcomunicación (Beltrão, 1980; 2004). El texto analiza cómo se relacionan las cuestiones sociales con la vida cotidiana de los personajes Pedro y Bino. Además de cuestiones del universo de los camioneros, el artículo infiere que los temas más discutidos en las cinco temporadas de la serie son los relacionados con las relaciones, los dramas familiares y las cuestiones policiales. Las historias de superstición y creencias religiosas también demuestran que la serie funciona como una representación del contexto cultural brasileño.

PALABRAS CLAVE: TELEVISIÓN EN BRASIL; FOLKCOMUNICACIÓN; CULTURA POPULAR; MODERNIZACIÓN CONSERVADORA.



1. Introdução

Em maio de 2019, “Carga Pesada” completou 40 anos da primeira exibição na TV Globo. O seriado conta a história de Pedro e Bino, amigos caminhoneiros que presenciam problemas durante as viagens pelas estradas do Brasil. Em meio a drama, suspense e comédia, assuntos do universo caminhoneiro como críticas às condições das rodovias, greves em prol de mais segurança e até casos polêmicos - como o tráfico de animais silvestres, trabalho escravo e violência doméstica - são tratados com alerta à população.

Baseado nos dramas de reconhecimento contemporâneo e a visualidade de conflitos políticos, sociais e culturais, este artigo propõe analisar os 64 episódios da segunda versão do seriado “Carga Pesada”, transmitido pela TV Globo de 2003 a 2007 e que estão disponíveis na plataforma de vídeos Youtube. Por meio da metodologia de análise de conteúdo (Bauer, 2000), buscou-se categorizar os assuntos que mais predominaram no período.

O artigo está dividido da seguinte maneira: na próxima seção, os autores dialogam a respeito do cotidiano transformado em produto midiático, na terceira parte, resgata-se o histórico do seriado; no quarto tópico, objetiva-se dissertar a respeito da metodologia da teoria folkcomunicação; em seguida, as análises dos episódios à luz da Folkcomunicação e por último, os apontamentos finais.

2. Cotidiano, produtos culturais e modernização conservadora

A abordagem do cotidiano folkcomunicação em “Carga Pesada” demanda a compreensão de processos sociais, culturais e comunicacionais, já que se trata de uma produção televisiva na qual estes diversos espectros se mostram entrelaçados. Ao mesmo tempo que os enredos levam à construção de um universo próprio, midiático, esta conformação é relacionada à complexidade

dos contextos que busca representar.

O conceito de cotidiano implica considerar formas pelas quais a vivência comum institui uma matriz de compreensão da realidade e, dialeticamente, também é instituída por esta. Conforme Heller (1977), o cotidiano pode ser entendido como o universo de atividades nos quais indivíduos estão imersos, a concretude das relações com outros seres humanos e as ações nas quais a sociedade se engaja. Viver em sociedade é estabelecer dimensão intersubjetiva, sendo esta produzida e reproduzida socialmente. Ao mesmo tempo, possibilita a existência das pessoas em perspectivas coletiva e individualizada, mobilizando processos de identificação e afetividade.

Para a autora, o cotidiano é a expressão do “mundo da vida”, com as relações neste estabelecidas sendo objetivadas. É a reprodução de valores, crenças, costumes a partir das vivências, sem que haja uma reflexão direta, por parte dos atores envolvidos, sobre ações desenvolvidas em relação às condições sociais que são a eles impostas. A vida cotidiana formula-se como heterogênea, tendo em vista a miríade de elementos que a constituem, e hierárquica, sendo fulcral na composição da socialização dos indivíduos. “A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade” (Heller, 1992, p. 17, grifo da autora).

De Certeau (1994) sustenta que a cotidianidade é marcada por formas de resistência localizadas, pelas “artes de fazer”, e os indivíduos empreendem reapropriação dos elementos que conformam o espaço no qual estão inseridos. Com grande atenção ao universo da linguagem, De Certeau sustenta que o cotidiano é “re-inventado” pelas práticas desenvolvidas pelas pessoas comuns, numa ação “tática”, diferenciando-se das interpretações estabelecidas pelas instituições sociais, as “estratégias”. Desta dinâmica emergem



formas de escapar dos regramentos e dos usos e costumes oficiais, com a vida dos indivíduos, embora influenciada, não sendo aprioristicamente definida pelo conjunto de normas gerais que regem a dimensão macrossocial.

Nosso interesse repousa justamente nas maneiras pelas quais “Carga Pesada” constitui um conjunto de representações do cotidiano em dimensão folkcomunicação. Para tanto, é necessário entender que a série de TV é um produto cultural. Segundo Thompson (1995), esta realidade pressupõe também sua existência como forma simbólica. As formas simbólicas constituem produtos culturais que buscam ser interpretados pelo público em determinadas perspectivas (ou seja, significados). Neste processo, implicam formas de compreensão de elementos e processos da realidade cotidiana, que serão significados de maneiras diversas pelos indivíduos, mas cuja compreensão é erigida, fundamentalmente, a partir das estruturas socioculturais nas quais esses estão inseridos.

Importa analisar o produto em questão partindo de visão contextual. No fim da década de 1970, o processo de modernização conservadora levado à cabo pelo governo militar brasileiro, no qual se insere o chamado “milagre econômico”, reflete-se na promoção de mercados de mídia, como indústria fonográfica, editorial, cinema e TV, com o investimento em agências estatais e infraestrutura para ampliação do alcance dos meios de comunicação. Há uma promoção de grandes grupos midiáticos com o intuito de constituir novas matrizes de compreensão do que seria o Brasil e o “ser brasileiro”, fomentando a integração nacional. Ortiz (1988) diz que é neste momento de passagem entre os anos 1960 e 1970 que se afirma o que pode ser entendida como uma indústria cultural no país.

Delineia-se também um processo de modernização televisiva. A Rede Globo de Televisão, parte do Grupo Globo - um dos maiores conglomerados de mídia do mundo,

tanto à época quanto hoje - acaba sendo uma das grandes beneficiadas pelas determinações governamentais. Em conformidade, sua produção, para Ortiz (1988), vai ser representativa da “moderna tradição brasileira”: a apresentação de conteúdo cultural-midiático que, por um lado, representa concepção nacional-popular mas, por outro, adequa-se às perspectivas de realidade promovidas pelo grupo no poder, uma aliança militar-burguesa¹. Ou seja, a promoção daquilo que seria fruto da dimensão popular em elemento representante da nacionalidade, mas ideologicamente instituído de maneira a “refletir” uma realidade, não a permitir seu questionamento.

3. “Carga Pesada”: quando o Brasil se torna seriado

Em fins da década de 1970, a Rede Globo investiu no projeto “Séries Brasileiras”. O objetivo era produzir materiais ficcionais diferentes do modelo norte-americano e mais próximos da realidade nacional. As séries carregam como característica fundamental uma temática particular desenvolvida a partir de um núcleo formado por personagens fixos (Rocha, Silva, Albuquerque, 2013). A cada episódio, um novo assunto é inserido em torno da linha norteadora de atuação. Diferente das novelas, os capítulos encerram com o problema solucionado. “A cada semana os personagens se encontram em uma nova situação, embora seja possível identificar uma sequência lógica na exibição dos episódios” (Rocha et al, 2013, p. 80).

Plantão de Polícia e Carga Pesada tematizavam as problemáticas dos “brasis”,

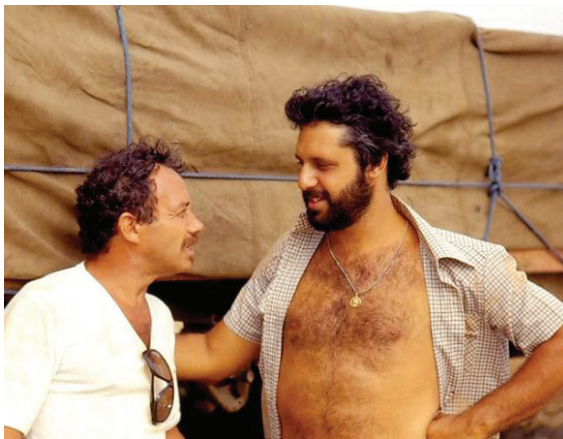
1 Não é nosso objetivo discutir a fundo a argumentação de Ortiz, e trazemos o autor pela necessidade de contextualização dos processos. Todavia, consideramos que, em decorrência de suas matrizes analíticas, o teórico acaba por não dar atenção às contradições e movimentos de resistência que os produtos culturais, muitas vezes, trazem em seu bojo.



urbano e rural, respectivamente. Já em *Malu Mulher*, a personagem principal da série vai além da previsibilidade do familiar “happy-end”, para lidar com uma variada gama de questões, dúvidas e demandas do gênero feminino, que começaram a ferver em muitos lugares desde os anos sessenta. (Rocha et al, 2013, p. 81).

Protagonizado pelos atores Antonio Fagundes (Pedro da Boleia) e Stenio Garcia (Setembrino, o Bino), a primeira versão² (Figura 1) de “Carga Pesada” foi exibida na TV Globo entre maio de 1979 e janeiro de 1981, às terças-feiras, no horário das 22h. A primeira temporada contemplou 24 episódios e a segunda, 25.

Figura 1. Bino (Stenio Garcia) e Pedro (Antonio Fagundes) em cena de *Carga Pesada* –



Fonte: Memória Globo, 2020.

A segunda versão do seriado (Figura 2) foi transmitida pela TV Globo em 2003, ou seja, 22 anos depois da primeira exibição. Mais experientes, os protagonistas continuavam a enfrentar as mesmas dificuldades; porém, a idade afetava a superação dos obstáculos. No início, “Carga Pesada” foi programada para acontecer em quatro episódios; porém, precisou se alongar,

o que de fato ocorreu até 2007. De acordo com o site Memória Globo (<https://memoriaglobo.globo.com/>), a segunda versão totalizou 64 episódios distribuídos em cinco temporadas.

Figura 2. Bino (Stenio Garcia) e Pedro (Antonio Fagundes) em cena de *Carga Pesada* – 2ª versão (2003 a 2007).



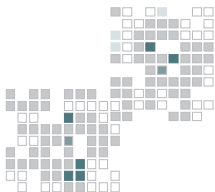
Fonte: Memória Globo, 2020.

O primeiro ano da série contemplou 12 episódios que abordaram assuntos como prostituição infantil, leilões de gados, assaltos à carga, corrupção, trabalhadores rurais sem-terra. Aliás, foi em 2003, no episódio 10 – “Companheiros” – que Pedro pronunciou a frase “É uma cilada, Bino!”, que ficaria famosa na internet anos depois. Já a segunda temporada teve 13 episódios, os quais trouxeram à discussão assuntos sobre doenças terminais, desigualdade social, problemas de saúde como visão, greves de caminhoneiros e violência contra a mulher. A música de abertura nas duas primeiras temporadas era “Frete”, interpretada pelos sertanejos Chitãozinho & Xororó³.

A partir da terceira temporada, a abertura seria modificada - “Frete” era regravação pelo próprio compositor, Renato Teixeira. Os 18 capítulos abrangeram desde assuntos de cunho ambiental

² Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/series/carga-pesada/>. Acesso em 19 mar. 2020.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4PfrjWJh44g>. Acesso em 19 mar. 2020.



como o tráfico de animais silvestres, a inclusão de pessoas com síndrome de Down, corrupção no meio policial e trabalho escravo.

Os dois últimos anos se caracterizaram por tratar os protagonistas como super-heróis, uma dupla que soluciona qualquer problema, por mais sério que a temática pudesse ser. A quarta temporada era constituída por 10 episódios com assuntos que envolviam a greve dos fiscais, prostituição infantil, relacionamento homossexual. Enquanto isso, a última temporada se constituiu por nove capítulos, com destaque às discussões sobre desigualdade social, abuso de menor na família e crimes ambientais.

O seriado traz uma trilha sonora constituída por canções do gênero sertanejo. Embora Pedro e Bino não sejam personagens nascidos em ambiente rural - indicado por um episódio em que Bino se hospeda no apartamento de Pedro na cidade do Rio de Janeiro - os dois caminhoneiros são representados a partir de uma estereotipagem que lembra o homem caipira; porém, não chegam a encarnar uma dupla roqueira. Em meio a uma linguagem simples, com ditados populares e analogias do cotidiano da estrada, Pedro encarna o homem mulherego, mais emotivo e descrente de algumas situações; Bino, por sua vez, figura como indivíduo que valoriza a família, mais racional e sensato. Alonso (2015) resgata a história da música caipira e, segundo ele, pelo menos desde 1965 - a partir do filme "Obrigado a matar" -, o cinema brasileiro apostou na adaptação do gênero musical às telonas.

Um dos maiores clássicos da teledramaturgia nacional foi a novela Irmãos Coragem, em 1970. O drama, que contava a história de garimpeiros no interior do Brasil, era recheado pela estética de banguê-banguê. (...) E, com o passar do tempo, Irmãos Coragem se tornou o clássico da teledramaturgia nacional. Toda essa moda do velho Oeste no Brasil deveu-se muito ao sucesso de Leo Canhoto e

Robertinho. O sucesso da dupla fez com que até a toda-poderosa Rede Globo os acolhesse em sua programação. A canção "Motorista de caminhão" entrou na trilha sonora do seriado Carga pesada, que estreou em 1979 (Alonso, 2015, p. 51).

Contudo, Ortiz (1998) esclarece que nada se compara à paisagem do Oeste norte-americano, cenário onde atores do padrão John Wayne e Clint Eastwood fizeram fama. "Daí o fracasso das tentativas inúteis em imitá-la. Os 'falsos' faroestes produzidos na Austrália, nos anos 40, no Brasil com os filmes de cangaceiros, ou no Japão, nos anos 60, seriam apenas uma cópia malfeita, a pálida presença de um ideal inatingível" (Ortiz, 1998, p. 112-113). A seguir, o artigo aborda a teoria da folkcomunicação e estudos acadêmicos a respeito do universo caminhoneiro.

4. Perspectiva folkcomunicacional

Luiz Beltrão desenvolveu a primeira tese sobre comunicação no Brasil, em 1965. Ao se dedicar ao campo da comunicação popular, o pesquisador se interessou em saber como as populações do interior se informavam, a quem recorriam quando necessitavam de ajuda ou buscavam por novidades. Sendo uma teoria associada às comunidades marginalizadas, Beltrão alertou que:

(...) enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo, os da folkcomunicação se destinam a um mundo em que palavras, signos gráficos, gestos, atitudes, linhas e formas mantêm relações muito tênues com o idioma, a escrita, a dança, os rituais, as artes plásticas, o trabalho e o lazer, com a conduta, enfim, das classes integradas da sociedade (Beltrão, 1980, p. 40).

Os usuários desse tipo de comunicação popular foram divididos por Beltrão (1980) em



três grupos marginalizados: os rurais, os urbanos e os culturalmente marginalizados. O primeiro foi identificado como aqueles que residiam em localidades isoladas geograficamente; os segundos, caracterizados pelo pouco rendimento em empregos que não exigem mão-de-obra especializada, além de se situarem em moradias semelhantes às favelas. A última turma marginal se constitui por sujeitos que não se enquadram nos seguidores de uma filosofia padrão dominante, isto é, culta e elitizada. Os integrantes desses grupos chamam atenção pela “criativa capacidade de camuflar suas mensagens, ora usando linguagens sofisticadas e códigos específicos, ora imprimindo-lhes duplo sentido, ora, enfim, empregando canais e centros de difusão que escapam à vigilância normalmente exercida pela autoridade censora” (Beltrão, 1980, p. 103). Nesse quesito, destacam-se os messiânicos, político-ativistas e erótico-pornográficos. Como veículo dessas culturas marginalizadas, sobressaem-se três modalidades: as inscrições nas vias públicas, rabiscos em sanitários e legendas de para-choques. Para fins desta pesquisa, o foco será voltado ao último exemplo.

Nos estudos folkcomunicaçãois de Beltrão, os caminhões também serviram como objeto de investigação empírica. O carreteiro - chamado por Beltrão (1980, p. 241-242) como *chofer de caminhão* - funciona como “agente da informação de atualidade, jornalista ambulante, contando o que viu e ouviu em suas rotas para a entrega ou o carregamento de mercadorias pelas estradas que se entrecruzam”. A cabine e os letreiros nos para-choques (Almeida, 2013; Xavier, 2013) denotam simbolismos, intrínsecos ao universo da estrada. “Condutor e veículo, o primeiro pela palavra nas fartas conversas em postos e hospedarias ou na boleia com alguma *carona*; o último pela natureza e pelo volume da carga, formam um rico flagrante da problemática e da atualidade do país” (Beltrão, 2014, p. 138).

Analisando as maneiras pelas quais os próprios profissionais entendem seu trabalho e vida, Cherobim (1984) comenta que há uma ideia própria de proeminência da classe no contexto das estradas. Sendo estas seu lar, sua sociabilidade, valores e crenças são constituídas fundamentalmente por sua existência nesses caminhos de asfalto e terra.

O caminhoneiro considera-se um “trabalhador da estrada” ou mais propriamente, um estradeiro. Esta adjetivação expressa uma ideia de discriminação, que trabalha viajando, às demais pessoas que trabalham em uma estrada, ou em um de seus trechos. Portanto, caminhão e estrada associam-se. Tudo o mais é decorrência e não causa para que a sua vida estradeira seja possível. É a sua crença de que “conserva”, serviços, fiscalização etc, vieram depois e em decorrência do seu pioneirismo. Este é o posicionamento que define a perspectiva dos caminhoneiros nas estradas (CHEROBIM, 1984, p. 116, grifo do autor).

A dimensão mística, muito facultada aos caminhoneiros pela exposição de mensagens e símbolos religiosos em seus veículos, reflete a relação dos indivíduos com a estrada. A grande imprevisibilidade dos acontecimentos nas rodovias (acidentes, clima, violência) contrasta com a pressão do relógio para o cumprimento de prazos, o que suscita sentimentos de insegurança e angústia. Cherobim (1984) aponta que, neste sentido, o chofer expõe sua orientação religiosa sincrética: é comum a presença de bíblias e outras literaturas religiosas nas cabines, assim como evita-se transitar por lugares considerados “mal-assombrados” - e, se necessário, tal trajeto é feito com respeito. Igrejas, capelas e estátuas pelo país, entre outros pontos, são locais de reverência, sublinhando a relação com a religiosidade popular.



Pedro e Bino representam a figura do *estradeiro*, condutores que viajam pelo Brasil e se deparam com diversas situações. Trazem informações, contam histórias, apresentam novidades, refletem sobre o passado e abusam da memória para dialogar com o público que os acompanha. Em algumas cenas da segunda versão, ambas as personagens rememoram situações cômicas ou dramáticas que aconteceram há duas décadas, quando houve a primeira versão de “Carga Pesada”. Seja pelo ambiente que os abriga - a cabine em si e toda indumentária que os caracteriza - ou pela linguagem aplicada, os personagens assumem funções repaginadas acerca do perfil de choferes de caminhão. Embora a internet ainda não fosse tão popular nos primeiros anos da década de 2000, a dupla possuía celulares, o que já facilitava as comunicações nas viagens.

5. Resultados: O cotidiano estruturado em “Carga Pesada”

A análise se baseou nos episódios da segunda versão, já que os 64 capítulos estavam disponíveis na plataforma de vídeos Youtube. Por meio da metodologia de análise de conteúdo (Bauer, 2000), buscou-se classificar as temáticas que mais predominaram no período de 2003 a 2007, com foco nas considerações folkcomunicacionais de Beltrão acerca das comunicações comuns na cultura dos caminhoneiros.

Primeiramente, é possível incluir neste debate o conceito de folkmídia, trazido pelo professor Roberto Benjamin e reatualizado por vários pesquisadores. Aqui, o texto se aproxima das discussões abordadas por Joseph Luyten. Para ele, a folkmídia pode ser configurada como “o uso tanto de elementos oriundos do folclore pela mídia como a utilização de elemento da comunicação massiva pelos comunicadores populares” (Luyten, 2006, p. 41). Exemplos dessa definição são encontradas em inúmeros meios audiovisuais da TV Globo como as novelas

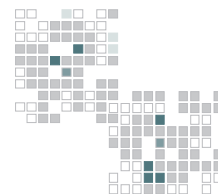
“Roque Santeiro” (1985-1986) e “O Rei do Gado” (1996-1997), minisséries como “O pagador de promessas” (1988) e “Hoje é dia de Maria” (2005) ou filmes como “O auto da compadecida” (2000).

No seriado aqui analisado, a intertextualidade está presente em muitas situações, como a ascensão social promovida pelos estudos, retratada na primeira temporada através do personagem Pedrinho (Wagner Moura), filho de Bino e afilhado de Pedro, carinhosamente chamado de *godfather*⁴. A importância da educação também seria mencionada em outros episódios, como o 23 (“Quadros negros”), quando Bino assume a vaga de professor temporário em uma comunidade pobre e se esforça para ensinar o básico da gramática aos residentes, e no 60 (“Terceiro sinal”), onde Pedro auxilia um grupo de teatro que necessita de um ator para finalizar o esquete de William Shakespeare. Para isso, precisou estudar sobre o escritor inglês e decorar as cenas descritas no século XVI. Ao final do episódio, Pedro ganha a coleção completa do escritor inglês e o episódio se encerra com a frase: “Ser ou não ser, eis a questão”⁵ pintada na traseira do caminhão. Aliás, estudos relacionados às mensagens estampadas nos para-choques desses veículos são comuns no âmbito da folkcomunicação.

Legendas e desenhos de caminhão constituem meios de expressão e substituem o jornal em sua crítica. Mas também constituem importantes fatores de educação: são os livros que faltam, os inacessíveis livros para milhões

4 Tradução livre: Padrinho. Alusão à trilogia “O poderoso chefão”, dirigida pelo cineasta norte-americano Francis Ford Coppola baseada na obra homônima do escritor norte-americano Mario Puzo.

5 Em inglês: *To be or not to be, that is the question*. Frase retirada da peça “A tragédia de Hamlet”, de William Shakespeare. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QffW51JwJ3U&list=PLSTQVDAbsa6rpN_u5FW8gukd6IGrg_mgK&index=60. Acesso em 19 mar. 2020.



de indivíduos aos quais a sociedade oficial não proporciona condições para o ingresso no mundo maravilhoso das letras (Beltrão, 1980, p. 242).

Após assistir a todos os 64 episódios da segunda versão (2003-2007), conseguiu-se categorizar os assuntos do seriado em sete grupos: 15 relacionam **Questões Sociais**, 13 abordam **Relacionamentos**, 12 envolvem **Dramas Familiares**, nove abrangem o **Universo Caminhoneiro**, oito são assuntos **Policiais**, cinco de **Superstição** e dois, de **Crenças Religiosas**. Em alguns casos, mais de uma temática foi abordada: no primeiro capítulo, por exemplo, Bino descobre um câncer e decide rever o amigo Pedro; assim, os dois se encontram e começam a relembrar a vida de caminhoneiros. Assim como o último episódio, que associou problemas de saúde, prostituição infantil e corrupção. Nesse caso, privilegiou-se a saúde enquanto uma questão social, já que foi a partir do problema de hepatite do Bino que se desenvolveram as demais intrigas.

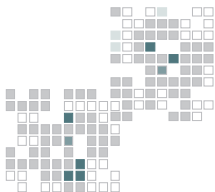
Ao longo dos capítulos, constata-se que “Carga Pesada” possuía um norte: o universo caminhoneiro em consonância com os mais diversos assuntos do cotidiano popular. Dessa forma, para aproximar a audiência do seriado, personagens eram inseridos de acordo com a abordagem da temática, e ao final, Pedro e Bino refletiam sobre os acontecimentos que conseguiam enfrentar. Críticas relacionadas ao governo ou julgamentos perante as atitudes do povo faziam parte do diálogo dos protagonistas durante as viagens na cabine do caminhão. Destaque aos quatro primeiros episódios, intitulados “A grande viagem”, que percorreu o Brasil de Sul ao Norte, a começar pelas imagens na Ponte do Guaíba em Porto Alegre (RS). Paradas estratégicas nos cenários turísticos das Cataratas do Iguaçu (Foz do Iguaçu – PR), do

Elevador Lacerda (Salvador – BA), da estátua do Padre Cícero (Juazeiro do Norte - CE) e do Theatro da Paz (Belém – PA) denotaram a complexidade geográfica do país, bem como a diversidade cultural das culinárias, sotaques e realidades cotidianas.

Não há melhor laboratório para a observação do fenômeno comunicacional do que a região. Uma região é o palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de idéias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais e de canais naturais e artificiais empregados para a obtenção daquela soma de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo (Beltrão, 2004, p. 57).

Os 15 episódios que relacionavam temáticas sociais abordaram problemas na área da saúde, educação, mas também alertaram quanto à reforma agrária (12 – “Terra mãe”), inclusão de pessoas com síndrome de Down (28 – “Não faz diferença”), trabalho escravo (41 – “Liberdade, liberdade”), acessibilidade para cadeirantes (45 – “Vem dançar”). No segundo tópico, sobre relacionamentos, o seriado geralmente expunha as aventuras amorosas de Pedro de maneira humorística, como no capítulo 18 (“E agora, companheiro?”), no 27 (“O corno sou eu”), no 32 (“Muita areia pro meu caminhão”) e no 42 (“Por trás da lona”). Contudo, “Carga Pesada” não apenas promovia entretenimento. Nos chamados Dramas Familiares, os personagens se deparam com o desespero do pai em não conseguir emprego e sustento para família (16 – “Direção perigosa”), violência doméstica⁶ (24 – “Vítima do

⁶ O episódio foi ao ar em abril de 2004 durante a segunda temporada.



silêncio”) e abuso sexual na família (61 – “Marcas profundas”), fatos que alertavam o público para uma realidade ainda tida como tabu nos lares brasileiros.

Em quarto lugar, com nove episódios, notabiliza-se o universo caminhoneiro com casos específicos que ocorrem no cotidiano dos motoristas. É importante lembrar que rotinas, hábitos e gírias dessa categoria perpassam o seriado, como os pernoites em redes nos postos de gasolina, refeições nas estradas e contratempos como problemas mecânicos no veículo ou assaltos em lugares afastados. Ser caminhoneiro, segundo Almeida (2013, p. 427), significa carregar “consigo a mística do aventureiro e isto se reflete constantemente em sua personalidade, algo masoquística no enfrentar cotidianamente os perigos dos caminhos e a interrogação dos itinerários”. Beltrão (2014), por sua vez, compara as atividades do chofer de caminhão com a profissão dos mascates, de tropeiros e até dos caixeiros-viajantes, que atuavam pelo país em uma espécie de jornalistas ambulantes. “O seu contato frequente com os grandes centros, a sua extraordinária mobilidade, os seus conhecimentos das pessoas, dos costumes, das sociedades interioranas (...) tudo os torna excelentes veículos de informação, hábeis repórteres e porta-vozes seguros da opinião coletiva” (Beltrão, 2014, p. 136). No episódio sete (“Fronteira sem lei”), o seriado discute as proteções nas fronteiras; no 11 (“Cotidiano”), a irresponsabilidade dos condutores em disputas de corridas, os conhecidos rachas; no 19 (“Estrada.com.br”)⁷. Pedro lidera uma greve entre

caminhoneiros após o veículo da dupla necessitar de reboque por causa das péssimas condições nas rodovias. O episódio 34 (“Primeiro prêmio”) abordou momentos de lazer em uma gincana entre os colegas de volante. Já o 48 (“Gritos na estrada”) se assemelha ao capítulo 19, ao abordar a greve dos fiscais de balança.

Destacam-se oito capítulos de caráter policial, que mesclavam corrupção no frete (14 – “Atravessadores”), crimes ambientais (22 – “Carga maldita”), corrupção policial (35 – “Poder”), tráfico de armas (44 – “Caixa preta”), tráfico de drogas em animais (54 – “Mistério no trecho”). As últimas categorias observadas na segunda versão de “Carga Pesada” são Superstição, com cinco episódios, e Crenças religiosas, com dois. Por superstição, entende-se aqui situações esotéricas e de lendas populares, como nos episódios 20 (“O lobisomem”), 48 (“A loira do banheiro”) e 56 (“Mula sem cabeça”). Pela dinâmica da folkcomunicação, “[o] discurso folclórico, em toda a sua complexidade, não abrange apenas a palavra, mas também meios comportamentais e expressões não-verbais e até mitos e ritos que, vindos de um passado longínquo, assumem significados novos e atuais” (Beltrão, 2004, p. 72). Dois capítulos destacam crenças religiosas católicas: no três (“A grande viagem – parte III”), Bino agradece a intercessão de Padre Cícero em Juazeiro do Norte (CE); o 30 (“Sem identidade”) retrata o desespero do descrente Pedro na busca por Bino, que vai a Aparecida (SP) para pedir ajuda de Nossa Senhora.

6. Conclusões

Este artigo buscou avaliar os episódios da segunda versão do seriado “Carga Pesada”, transmitido pela TV Globo de 2003 a 2007, baseada na teoria da folkcomunicação (Beltrão, 1980; 2004) e por meio da análise de conteúdo (Bauer, 2000). Nos episódios, observou-se que as histórias funcionam como uma incursão

Dois anos mais tarde, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionaria a lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, em 7 de agosto de 2006.

⁷ O episódio foi exibido durante a segunda temporada, em maio de 2004. Catorze anos depois, em maio de 2018, a categoria dos caminhoneiros mobilizou greve de repercussão nacional que durou pouco mais de uma semana.



pelo Brasil, onde Pedro e Bino servem de guias ao telespectador. Porém, a sensação é que as histórias não sejam tão diferentes: em meio a estradas e rodovias, a dupla conversa a respeito dos problemas diários. De maneira coloquial, ambos refletem sobre o cotidiano e tentam auxiliar a compreensão do público por meio de analogias. Isso fica evidente, por exemplo, no episódio da greve dos caminhoneiros.

Os dois protagonistas são “gente comum”, sujeitos que enfrentam situações adversas no dia-dia conturbado das estradas. Como estradeiros, singram o país, interagindo em diversos contextos sócio regionais em sua missão laboral de transporte de cargas; engendram-se dinâmicas econômicas, identitárias e socioculturais. Por ilustrarem a classe trabalhadora, Pedro e Bino encarnam indivíduos que denunciam as mazelas de um território ainda desconhecido para grande parte dos brasileiros. Ambos são representados como pertencentes ao grupo culturalmente marginalizado, personagens líderes-comunicadores sobre a diversidade do Brasil. Soma-se a isso o fato dessa segunda versão (2003-2007) ser retomada durante a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), primeiro presidente oriundo das classes populares.

Em “Carga Pesada”, as diferentes situações

nas quais Pedro e Bino se envolvem têm, na representação da vida cotidiana dos caminhoneiros, uma de suas principais estruturas para interpretação. Não parece exagero dizer que os protagonistas, estando integrados ao contexto constituído pelo universo caminhoneiro e, ao mesmo tempo, sendo originários da dimensão urbana, representam a incursão que o público faz a esse país sublimado pelos códigos culturais das metrópoles.

A série apresenta motivação similar tanto em sua primeira quanto na segunda fase: fazer o encontro simbólico do público com esse país desconhecido por meio do caminhão. Meio de transporte e carga que representa a modernidade, o veículo avança por territórios que, no imaginário das gentes urbanas, seriam cultural e economicamente atrasados. Seja com o intuito de marcar diferença ou na tentativa de criar identificação, as narrativas que constituem “Carga Pesada” amparam-se na representação de elementos e processos socioculturais. Assim, delineiam aproximações e distanciamentos por meio dos sentidos mobilizados na dimensão folkcomunicação, onde diferentes grupos que constituem o Brasil interiorano são retratados em diversas expressões, especialmente a partir de valores, crenças, gostos e linguagens.

Referências

ALMEIDA, Mauro. Filosofia dos Para-Choques. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme (org.). *Metamorfose da folkcomunicação*: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p.427-436.

ALONSO, Gustavo. *Cowboys do asfalto*: música sertaneja e modernização brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BAUER, Martin. Análise de Conteúdo Clássica. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 189-217.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação*: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação*: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação*: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

CHEROBIM, Mauro. O caminhoneiro na estrada. *Perspectivas*, São Paulo, v.7, p. 113-125, 1984.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

HELLER, Agnes. *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona:

Península, 1994.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LUYTEN, Joseph. Folkmídia: uma nova visão de folclore e folkcomunicação. In: SCHMIDT, Cristina (org.). *Folkcomunicação na arena global*: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006. p. 39-49.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

ROCHA, Simone; SILVA, Vanessa; ALBUQUERQUE, Carolina. O lugar cultural das Séries Brasileiras no fluxo televisivo: consumo e produção na definição de um sub-gênero. *Líbero*, São Paulo, v. 16, n. 31, p.77-88, jan-jun, 2013.

THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna*: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

XAVIER, Cintia. Filosofia dos Para-Choques segundo Mauro Almeida. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme (org.). *Metamorfose da folkcomunicação*: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p.424-426.

